
Educação sexual infantil: A interação entre a família e escola como fator determinante para uma educação eficaz

Aline Aparecida de Lima¹
Danyene Cássia de Oliveira
Elidiani dos Santos Souza
Joelice Almeida Pereira

Orientadora: Prof^a Vera Lucia Lins Sant'Anna²

RESUMO

O presente artigo é resultado de estudos realizados em escolas públicas e privadas de Belo Horizonte. Seu foco central foi analisar a importância da educação sexual infantil, seus retrocessos e avanços na família e na comunidade escolar, considerando-a como um fator primordial para o desenvolvimento da criança, levando em consideração seus pensamentos, suas curiosidades e as relações que estabelecem com o meio em que vivem. A pesquisa investigou se existe a parceria entre família e escola para identificar as possibilidades que as mesmas possuem para enfrentar e desenvolver a educação sexual na prática educativa. Essas questões nortearam a trajetória da construção da pesquisa com o intuito de compreendermos a relação que se estabelece entre as partes envolvidas, ou seja, o meio escolar e familiar.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexo; Sexualidade; Criança, Família e Escola.

1 - INTRODUÇÃO

Em uma época de mudanças como estamos vivendo, construir um pensamento crítico sobre os valores sexuais é muito difícil, pois o que é errado em certo momento pode ser normal em outro.

Atualmente, há vários estudos realizados a respeito da sexualidade humana, pois essa é extremamente importante em todas as fases do nosso desenvolvimento, porém não é valorizada devido a um bloqueio por parte da comunidade ao tratar do assunto.

A importância de pesquisar sobre tal assunto se

deu em função desse tabu que ainda hoje está presente em nossa sociedade, pois acredita-se que a educação sexual estimula as crianças a pensarem em algo que está ligado com a vida adulta, uma vez que a sexualidade infantil era vista, na Idade Média e ainda nos dias atuais, como algo sujo, pecaminoso, que interfere na pureza e inocência desses seres.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo discutir a educação sexual infantil e a interação entre família e escola para alcançar resultados positivos no processo de ensino da criança. Dessa forma, abordamos informações científicas e técnicas de como esclarecer as famílias e os educadores sobre a sexualidade infantil.

1 Alunas graduadas em Pedagogia- PUC - Minas - jan.2010.

2 Doutora em Ciências da Religião, Mestre em Educação, Professora e pesquisadora da PUC - Minas.

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A sexualidade é um tema que vem sendo debatido há décadas. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais,

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos (BRASIL, 1995, p. 295).

Nesse contexto, a sexualidade deve ser trabalhada como algo inerente à pessoa, já que se manifesta desde a vida intrauterina até a velhice, haja vista que a sexualidade é constituída dos aspectos biológicos, psicológicos, sociocultural e transcendental.

De acordo com Rousseau, “até a adolescência, as crianças dos dois sexos nada têm de aparente que as distinga, mesmo rosto, mesmo aspecto, mesma cor, mesma voz. Tudo é igual, ambos são crianças”, (ROSSEAU, 1983, p. 271). O que se percebe é que, com o desenvolvimento sexual da criança, a mesma irá tomando forma e adquirindo características próprias.

Realizando uma análise a partir da visão freudiana, destaca-se que, através das suas descobertas, a grande maioria dos desejos reprimidos referia-se a conflitos de ordem sexual, localizados nos primeiros anos de vida do indivíduo, isto é, na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, que se configuravam como origem dos sintomas atuais e confirmava-se, dessa forma, que as ocorrências desse período da vida marcam profundamente o psiquismo.

Ao falarmos da sexualidade infantil, não pretendemos reconhecer apenas a existência de excitações ou de necessidades genitais precoces, mas também as atividades perversas do adulto, na medida em que põe em jogo zonas corporais (zonas erógenas) que não são apenas as zonas genitais, na medida que buscam um prazer (sucção do polegar) independentemente do exercício de uma função biológica. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 477).

Sobre a sexualidade infantil, segundo o modelo teórico que o autor defende, mesmo antes da maturação das funções reprodutoras, a criança já vive a sua sexualidade. A partir daí, a sexualidade humana

deixou de fazer parte das ciências biológicas, pois o seu surgimento não depende da maturação biológica.

Atualmente, as crianças têm as mais variadas formas de informação e desinformação. Vivemos um tempo em que a globalização e a produtividade estão na ordem do dia, os recursos midiáticos favorecem uma enormidade de informações, apesar disso, a sexualidade continua uma questão polêmica, envolvendo preconceitos, vergonha e repressão. A mídia em geral contribui no sentido de orientar e, ao mesmo tempo, divulgar o avanço da educação sexual, porém temos que ter certo cuidado com essa divulgação, pois, na maioria das vezes, os meios de comunicação sabem muito ou pouco e acabam deturpando fatos e informações, criando dúvidas ainda maiores.

Pelo fato da televisão ser o principal meio de comunicação, ela tem o poder de criar padrões de comportamento, difundir informações, chegando a ter mais força para ensinar do que a escola e a família; observa-se que as crianças tendem a justificar o que dizem ou fazem com afirmativas como “eu vi na TV”. Em relação ao comportamento criado pela mídia, vamos encontrar este esclarecimento nas ideias de Ribeiro (1990) quando relata que “os meios de comunicação, notadamente a televisão, devido à influência que exerce na transmissão desses valores, propiciam a divulgação e a aceitação de novos padrões de comportamento” (p. 39).

O excesso de apelo erótico aliado à violência que os meios de comunicação veiculam pode levar a problemas futuros como abuso sexual, gravidez precoce, entre outros. Na opinião de Lopes e Maia

no caso da sexualidade, especificamente, a TV se traduz em fonte de desinformação sexual, à medida que reforça estereótipos sexistas, promove a estimulação sexual precoce e omite e/ou deturpa informações. O excesso de apelo erótico aliado à violência que a TV veicula pode levar os problemas futuros na sexualidade, como indiferença ao estupro e à violência em geral, reforço do papel machista e iniciação sexual precoce (LOPES; MAIA, 2001, p.64).

Nesse sentido, a mídia influencia crianças que estão formando sua estrutura psicológica. Por terem acesso continuo aos meios de comunicação, estão expostas a uma serie manifestações envolvendo sexo e violência, proporcionando-lhe aspectos negativos para

o seu desenvolvimento.

Um fator negativo gerado pela falta de informação e que, atualmente, cresce em níveis extremamente assustadores é o abuso sexual, que pode ser definido como qualquer contato ou envolvimento da criança em atitudes sexuais. Dessa forma, crianças que se apresentam agressivas com a família, com dores na genitália, com lesões, inflamações e hemorragias, devem ser examinadas, pois estes são sintomas que uma criança que está sendo ou foi sexualmente abusada apresenta, violando assim as regras e os padrões sociais e legais da sociedade.

Acreditava-se que o abusador era um indivíduo denominado como perturbado, que tivesse uma vivência fora dos padrões determinados pela sociedade ou até mesmo algum envolvimento com drogas, mas hoje observamos, através da mídia, que pessoas bem sucedidas e aparentemente sem problemas podem ser as abusadoras ou também podem ter sido vítimas de abuso quando crianças.

Meninas ou meninos correm o risco de ter a primeira relação sexual com o próprio pai, padrasto ou até mesmo um responsável aos 10 anos de idade. Por este motivo, a violência que eles encontram em casa apresenta fatores que para eles, talvez, dificultem a identificação do abuso, visto que tal abusador tem a capacidade de reprimir e assustar a criança para que ela se mantenha calada, com isso a criança tem dificuldade de enfrentar os distúrbios de homens que, ao invés de oferecer proteção, abusam delas sexualmente. Como diz Gauderer, “o crime de abuso sexual acontece em massa. É, porém, de difícil detecção, pois muitas vezes deixa lesões físicas e gera uma conspiração de silêncio, desenvolvendo vergonha e culpa” (GAUDERER, 1996, p. 67).

3 - PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL DA CRIANÇA

Devido à família ser a primeira visualização de grupo para uma criança, é nela que ela receberá as primeiras orientações e normas dos padrões sexuais. Porém, diversos fatores, como receio de ferir a pureza da criança, entre outros, levam a família a não abordar qualquer assunto ligado à sexualidade. De acordo

com Bernardi, “Mesmo os pais mais compreensivos, indulgentes e com uma visão aberta, tornam-se surpreendentes, autoritários, quando se trata da sexualidade” (BERNARDI, 1985, p. 25).

Abordar a sexualidade infantil não é uma tarefa fácil para grande parte dos pais, por acharem que seus filhos são sempre pequenos, mesmo que atinjam a adolescência, só que chega certo momento que não se pode adiar um assunto tão importante para o desenvolvimento saudável da criança.

Nesse sentido, acreditamos que pais que não foram criados com diálogo aberto a respeito da sexualidade sentem dificuldade de ter esse tipo de conversa com os filhos.

Às vezes, a grande dificuldade da família é saber a maneira correta de se expressar nesse momento para não aguçar ainda mais a curiosidade das crianças, sendo o diálogo um momento de suma importância. Nesse sentido, um bom começo é uma conversa franca e confiável; talvez seja também um bom momento de pai e mãe relatarem as dificuldades e os constrangimentos que possuem. Conhecendo um pouco mais e sabendo o que seus filhos pensam sobre o assunto, os pais vão descobrir o melhor caminho para a educação sexual de suas crianças, quando chegar a hora certa. Para Ribeiro (2009), o que é mais importante é que a família “seja um espaço de discussão e crescimento mútuos, no qual se possa conversar, trocar experiências e resolver seus conflitos sem violência” (RIBEIRO, 2009, p. 83).

Ao chegar esse momento, é necessário que a família dê respostas claras e precisas de acordo com a idade e, se por acaso não puderem responder no momento para esclarecer as dúvidas, não se deve repassar qualquer resposta. É muito importante a atitude ao responder às perguntas, saber o tom de voz a ser utilizado, a segurança nas informações, o fato de estar ou não à vontade, tudo isto é captado pela criança também sob a forma de informação. Como descrito por Orth (1987), quando aborda que

negar-lhe respostas, iludi-la ou repreendê-la por causa disso é incutir na criança receio de voltar ao assunto e alertá-la para a desconfiança. Passará a desconfiar que o assunto não é bem-vindo entre os adultos, que deve haver algo de errado nesta parte do corpo, que precisará informar-se com os colegas para saber a verdade. (ORTH, 1987, p. 44).

O ideal será sempre que os pais possam fazer isto junto, pois oferecerão visões diferentes e enriquecedoras, mas dependerá da identificação que a criança tiver com os pais ou com um deles em especial naquela fase da vida, ou, ainda, do temperamento de cada um. Pode ser mais fácil para um dos dois tocar nesse assunto, evitando o “jogo do empurra”.

Nesse sentido, é necessário levar em consideração que as primeiras experiências afetivas de uma criança se dão com a família e essa relação se estende aos amigos e outros familiares. Portanto, a capacidade que a família possui de aproximar e acolher a criança e por ela ser a transmissora de valores dá base para o desenvolvimento sexual da criança e constrói vínculos que facilitarão a sua convivência na sociedade. No entanto, diante dos traumas e conflitos existentes na família, torna-se essencial a integração da mesma com a escola, pois o espaço escolar assume uma função importante na educação sexual, ela tem a função de orientar as crianças no mundo em que estão inseridas no aspecto afetivo, cognitivo e relacional.

Nas pesquisas realizadas, apesar das educadoras, diretora e coordenadora, possuírem formação, foi possível identificar, através das observações e entrevistas feitas, que não há uma preparação específica em relação à educação sexual. Acredita-se que as mesmas saibam um pouco sobre o assunto e passam algum tipo de informação sobre a sexualidade. Mas, de acordo com Ribeiro “só informar não basta! É fundamental ter uma atitude positiva em relação ao sexo, em que as crianças, desde pequenas, percebam a sexualidade como algo bonito e prazeroso” (RIBEIRO, 2009, p. 21). É importante ressaltar que a educação sexual não tem apenas caráter informativo, mas, sobretudo, um efeito de intervenção no interior do espaço escolar, não sendo uma tarefa fácil para educadores, por haver certo complexo em lidar com o assunto.

É necessário que a escola como instituição educacional esteja bem preparada para lidar com esse assunto, sendo assim posicionando-se de forma clara e consciente sobre as referências e limites com os quais deve trabalhar as expressões da sexualidade da criança.

De acordo com Suplicy, “é função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades”

(SUPLICY, 1995, p. 11).

Para que a integração entre a família e a escola seja feita de maneira correta, é necessário que professores e funcionários sejam orientados e preparados para lidar com as manifestações da sexualidade infantil.

A escola precisa ter um orientador sexual que promova grupos para discutir as experiências em sala de aula, ajudar os docentes a abordar o fato cientificamente, procurando estratégias adequadas, saindo do senso comum e trabalhando com sucesso na educação das crianças. A respeito do orientador sexual, Ribeiro relata que “este orientador deve ser confiável, e somente suas atitudes farão com que os alunos, pais e professores tenham esta confiança no seu desempenho e na sua resposta” (RIBEIRO, 1990, p. 55).

No dia 06 de agosto de 2009, foi publicada no Diário da República a lei 60/2009, que determina a disciplina de Educação Sexual nas escolas públicas e privadas a partir do próximo ano letivo. Tem como finalidade enfatizar a sexualidade e a afetividade entre as pessoas, respeitando as diferenças culturais e auxiliando para a redução das consequências negativas tais como: abuso sexual, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, prostituição infantil, entre outros.

Sua modalidade na educação básica é introduzir a educação sexual como uma educação para a saúde. As comunidades escolares e os conselhos pedagógicos deverão desenvolver ações de complemento curricular para uma melhor formação na área da educação sexual. Durante a execução desse projeto, o Ministério da Educação deverá garantir o acompanhamento, supervisionar e coordenar a educação para a saúde e educação sexual, sendo ele responsável pela produção de relatórios de avaliação periódicas baseadas em questionários realizados nas escolas.

Nesse aspecto, a lei 60/2009 define em seu artigo 14 que “a presente lei entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação, devendo ser aplicada nas escolas a partir da data de início do ano letivo de 2009-2010” (BRASIL, 2009, p. 02).

A educação sexual nas escolas irá auxiliar as famílias e os educadores a prevenir futuros problemas em relação ao sexo e à sexualidade das crianças, promovendo o amadurecimento sem traumas, preconceitos ou medos e fornecendo também bases morais e sólidas para as futuras escolhas afetivas.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se, por meio das análises realizadas, que a educação sexual ainda passa por avanços e retrocessos essenciais para a sua implementação na sociedade, em decorrência de ainda existir uma falta de parceria entre a escola e a família. Um ponto a ser considerado diz respeito ao despreparo do professor ao se discutir a sexualidade na sala de aula, devido à falta de capacitação.

Já em relação à família, pode-se perceber certa incompreensão a respeito do assunto, secundada pela falta de conhecimento do mesmo e pela dificuldade de ter um diálogo aberto com os filhos. Diante desse despreparo da família para lidar com as manifestações sexuais da criança, a escola assume mais um importante papel.

Embora a educação sexual seja obrigatória nos currículos a partir do ano de 2010, é necessário que, antes de sua implementação, docentes já estejam com esse assunto embutido em seu processo didático, para que possa ser aceita sem preconceitos e receios, e possam não somente orientar o corpo discente, mas também os familiares.

Com isso escola, família e sociedade podem propor uma educação sexual infantil pautada na ética, nos valores, no respeito por si próprio e pelo outro, baseando-se no princípio da igualdade entre as pessoas, sem discriminação ou preconceito.

Temos ciência de que mudar os padrões de postura e moral definidos há séculos pela sociedade é difícil, às vezes é uma missão árdua a se cumprir, tornando os desafios imensos a serem superados, porém, cabe a cada um ousar, na tentativa de mudança desses padrões, para que a educação sexual possa ser trabalhada de forma integrada e que se torne eficaz na formação desses sujeitos numa sociedade que está sempre em transformação.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Milton Junior. Sem limites: erotização infantil estimulada pela publicidade e por programas de tv leva sociedade a se mobilizar contra abusos e

banalização do sexo. **EDUCAÇÃO** [SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO], São Paulo, v. 25, n. 214, p. 34-42, fev. 1999.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude: Como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola**. São Paulo: Cortez, 1998. 96 p.

BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. São Paulo: Summus, 1985. 25 p.

BRASIL. Diário da República. **Assembléia da República Lei 60/2009**. Disponível em: <http://min-edu.pt/np3content/?newsId=4096&fileName=lei_60_2009.pdf>. Acesso: 25 ago. 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 42 p.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Sexualidade(s) e Infância(s), a sexualidade como tema transversal**. Campinas: Moderna, 1999. 144 p.

CORRÊA, Dias. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; MOREIRA, Mércia. **Psicologia da educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação**. Belo Horizonte: Lê, 1994. 151 p.

DAWKINS, Julia. **Manual de educação sexual**. São Paulo: Cultrix, 1970. 18 p.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 132 p.

GAUDERER, Ernest Christian. **Sexo e sexualidade da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. 39 p.

- GOULART, Íris Barbosa. **Piaget: experiências básicas** para utilização pelo professor. Petrópolis: Vozes, 2002. 158 p.
- GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na escola: mito e realidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995. 128 p.
- HAIDT, Regina Célia Cazausa; RIZZI, Leonor. **Atividades lúdicas na educação da criança**, 5. ed. São Paulo: Ática, 1994. 33 p.
- LAPLANCHE, Jean. **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LACRETELLE, Jacques de et al. **O problema sexual**. 4. ed. rev. Porto: Tavares Martins, 1947. 381 p.
- LIMA, H. **O papel de cada um na orientação sexual e os diferentes modelos de trabalhos**. Disponível em: <<http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDoCID=3746&ReturnCatID=1802>>. Acesso em: 14 nov. 2009.
- LOPES, Gerson; MAIA, Monica. **Conversando com a criança sobre sexo**. São Paulo: Autêntica, 2001. 64 p.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986. 87 p.
- ORTH, Edgar. **Educação sexual da criança**. Petrópolis: Vozes, 1971. 61 p.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999. 98 p.
- REGO, Maria Aparecida Moraes. **Esboço de psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. 90 p.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educacação Sexual Além da Informação**. São Paulo: EPU, 1990. 66 p.
- RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2009. 256 p.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 271 p.
- SALVADOR, Ângelo Domingos. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos**. 10. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 1982. 73 p.
- SAYÃO, Roseli. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997. Cap.7, p. 97-106.
- SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997. Cap.8, p. 107-118.
- SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 14. ed. Petrópolis: Ed. do Autor, 1986. 367 p.
- USSEL, Jos Van. **Repressão Sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1981. p. 21-22.
- VITÓRIA, Mônica. **Educação sexual hoje: Como falar com os filhos sobre um assunto que está em todo lugar – sexo**. Disponível em: <http://www.bolsademulher.com/familia/educacao_sexual_hoje-38302-1.html>. Acesso em: 14 nov. 2009